



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### AS FONTES DOS VESTÍGIOS: MEMÓRIA E FOTOGRAFIA NAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA CIDADE DE CONQUISTA ENTRE 1920 e 1940

Ednair Carvalho Rocha\*  
(UESB)

#### RESUMO

Vitória da Conquista, cidade localizada no Sudoeste da Bahia, a exemplo do modelo de organização do espaço das cidades de origem colonial, cresceu a partir de um núcleo de construções e de sociabilidades construídas sobre a égide das vivências cotidianas e simbólicas, materializadas nas edificações da tríade: igreja, praça e feira. Pretende-se com essa pesquisa, investigar através das narrativas e refletir sobre as construções de memórias a partir das linguagens constitutivas dos sujeitos inscritas nas fotografias, documentos escritos, jornais e memorialistas. Para tanto, vamos examinar as imagens fotográficas como fontes cruzando-as com o método orientado pela história oral, para compreender, através de entrevistas com antigos moradores sobre as relações que estabeleceram com essa cidade, no período de 1920 a 1940.

**PALAVRAS CHAVES:** Cidade, Fotografia, História.

#### INTRODUÇÃO

A história como conhecimento só acontece a partir de perguntas elaboradas no presente, e do lugar de onde são elaboradas essas perguntas estão justapostas as temporalidades e materialidades do fazer histórico. O historiador que está no exercício da pesquisa está necessariamente diante de subjetividades impostas tanto por um passado imutável e lacunar, quanto por um presente, de onde partem

---

\* Mestre em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus V – Santo Antônio de Jesus. E-mail: ednair.rocha@gmail.com



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

suas interpretações e que determinam suas próprias subjetividades, em seus enfrentamentos com novas abordagens e métodos.

O passado está lá imutável, e as questões que apelam por análises e respostas estão aqui, no tempo de agora. O passado só existe quando o historiador o problematiza no presente. Histórias de um determinado tempo e lugar que apela por esse 'dever' são histórias que precisam de respostas e, ao serem contadas, vão dar conta de suscitar memórias. Ao virem à tona, estas memórias provocam outras histórias construídas sobre sujeitos em suas práticas sociais e culturais, como diz Benjamim (1985), a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ágoras.

Partindo desse pressuposto, buscamos subsídios para uma produção da história da Cidade de Vitória da Conquista a partir das memórias sobre os espaços de um território constituído pelo núcleo original de ocupação da cidade – A Rua Grande. Esse espaço, posteriormente, ganhou visibilidade com: a) As demolições e construções de novas casas e do templo religioso da Igreja Matriz, b) Nos deslocamentos de 'aglomerados' considerados indesejáveis' para alguns, como a feira livre que foi transferida para um local distante da moradia e do convívio da elite proprietária e c) Nas construções de praças destinadas a abrigar eventos cívicos, religiosos e de lazer da população.

Ao elencarmos esse conjunto de transformações como elemento problematizador da nossa pesquisa, trazemos para o debate a cidade enquanto conjunto de espaços construídos, forjados pelas experiências de sujeitos que se movimentam e se mobilizam nas suas práticas. Então, quem são esses sujeitos? Como se forjam nas práticas cotidianas desses logradouros? Como esses sujeitos interferem nessas transformações? Como se configuram as sociabilidades nesses novos espaços? E, para estabelecer outras possibilidades da utilização das fontes é



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

importante indagar como as fotografias podem contribuir para revelar imagens da construção da história da cidade.

A cidade de Vitória da Conquista, sede do município, está localizada no Sudoeste da Bahia, fisiograficamente denominado de Planalto da Conquista. Durante o movimento de ocupação, entre o final do século XVIII e XIX, o município estava inserido na região que ficou conhecida como “Sertão da Ressaca.”<sup>93</sup> Este local, enquanto, espaço construído socialmente, será objeto do nosso estudo.

Esta investigação parte do contexto histórico de 1920, década em que a cidade passou por ‘transformações’, noticiadas e observadas nas leituras dos jornais de publicação local: ‘A Semana’, ‘Avante’ e ‘A Palavra’. Diversas matérias e editoriais registram as reclamações e solicitações, que partem da população ‘privilegiada’ em conflito com o poder público “sobre a necessidade de mudanças urgentíssimas na pobre Conquista abandonada”. Por outro lado, as fotografias nos revelam uma cidade edificada em torno da rua principal – nelas encontramos imagens da Praça, da Feira e das Igrejas de várias temporalidades que orientaram nossa reflexão sobre a importância do uso dessa documentação. O estudo desdobra-se até a década de 1940, quando observamos mudanças significativas, tanto, no desenho urbano, quanto nas relações sociais, culturais e de trabalho. Os escritos dos memorialistas e cronistas da cidade remontam também, ao tempo das mudanças, estimadas em seu natural interesse, em preservar os fatos “notáveis”, registrando, o cotidiano, as transformações urbanas, os acontecimentos cívicos, culturais e sociais. Na cidade de Vitória da Conquista, a partir de meados do século XX, os registros e livros de memorialistas, se fazem de forma mais significativa e

---

<sup>93</sup> A historiadora Maria Aparecida Silva de Sousa se refere ao texto de Ruy Medeiros, cuja pesquisa conclui que a origem do nome “Ressaca” é um termo de uso da geografia popular sinonimizado “funda baía de mato baixo circundada por serra” e que foi aplicado às terras existentes entre os rios Pardo e das Contas. Assim, esclarece: “O viajante que palmilhar o Planalto da Conquista perceberá as fundas baías de campo, algo como um vago refluxo a desenhar o semicírculo da ressaca, só que não no mar. Uma ressaca de chão.” (MEDEIROS *apud* SOUSA, 2001, p. 19).



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

encontram-se com frequência, relatos sobre a cidade. A reflexão sobre essas fontes aponta para vários movimentos das gentes da cidade, que indicam estratégias na forma de ação de determinados grupos sociais no ensejo de construírem para si uma memória emoldurada nas suas necessidades e crenças.

Buscamos priorizar nessa pesquisa estudar as relações entre memória, fotografia e cidade, através do acervo produzido no Museu Regional: fotografias, livros de memorialistas, jornais da época; atas, projetos e leis municipais, suportes de depoimentos orais, etc. Assim, pretendemos investigar e refletir sobre as possibilidades de elaboração de narrativas e construções de memórias examinando estas fontes e cruzando-as com o método orientado pela história oral, para surpreender, através de entrevistas, lembranças, silêncios e esquecimentos de antigos moradores, que ainda residem no espaço da antiga Rua Grande, familiares e pessoas que estabeleceram relação com esta cidade.

Ao estabelecer um diálogo com determinadas fontes, estamos expondo o nosso ponto de vista, quanto à proposta do fazer histórico. Da mesma forma, ao dialogar com autores produtores desses conceitos nos aproximamos, ou não, daqueles que trazem à tona os sujeitos que foram pouco visibilizados pela história. Por esta razão, estamos lançando neste debate a relação da história com a memória, estabelecendo um diálogo com autores que nos apontam para um caminho que trata de colocar o cidadão comum na história, identificado em suas particularidades e especificidades.

Assim, através da proposta de método, percebemos que texto, imagem, oralidade, são linguagens, constitutivas dos sujeitos que as produziram e configuradas como fontes. Pensar criticamente essas fontes, como leituras múltiplas, constitutivas dos sujeitos, dimensiona um quadro de análises que provoca outra multiplicidade de impressões, quando percebemos que essas



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

linguagens não são compartimentalizadas, nem entrecortadas, e essa produção é constituída por um momento dado, pelos sujeitos.

As linguagens, enquanto elementos constitutivos dos sujeitos apresentam leituras que provocam múltiplas sensações, no entanto o historiador amplia sua visão criticando as fontes no exercício da escrita e interpretação da história. A produção historiográfica que propomos nesse texto compreende a formação do espaço urbano que deu origem a Vitória da Conquista como um território construído a partir do qual diversos grupos sociais estabeleceram relações e enfrentamentos através das linguagens visuais, orais e textuais constitutivas dos representantes e presentes em memórias escritas, iconográficas que, problematizada a partir de questões da história social, contextualizadas como um campo de força possibilita a construção de aspectos da história dessa cidade.

Percebemos a importância de investigar esta história a partir das perspectivas dos sujeitos envolvidos para propiciar meios de visibilidade na percepção da cidade como espaço construído socialmente, nas experiências desses sujeitos, nas suas práticas cotidianas de convívio e enfrentamento, entendendo que, do olhar sobre as relações desse cotidiano podem ser encontradas revelações importantes sobre essa gente que percorre producentemente a cidade.

### **As Águas de Nossa Senhora da Vitória: conflitos e tensões nas regulações do espaço urbano**

Os problemas com o abastecimento de água na cidade de Conquista e, mais especificamente, no entorno da Rua Grande, tornaram-se agudos e de forma mais contundente a partir do crescimento demográfico, entre as décadas de 1920 a 1940, quando a cidade se expande, cresce o número de moradores, e os fazendeiros que já residiam na Grande Praça cuidavam de manter suas casas da cidade e, essa atitude acarretava a necessidade de contratar novos serviços.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Desde a primeira década do século XX, os poderes municipais (executivo e legislativo) passaram a realizar interferências para controle do abastecimento de água para a cidade. No governo municipal do Coronel Maximiliano Fernandes de Oliveira entre 1908 a 1911 foi construído um depósito d'água que ficou conhecido como 'caixa d'água'. Durante todo o período dos anos de 1920, os jornais veiculavam diversas matérias solicitando ao poder público municipal a construção de chafariz que atendesse ao abastecimento d'água de outros pontos da cidade. Tais solicitações vieram a ser atendidas com a construção de dois chafarizes nas ruas que constituíam naquele período o centro da cidade, ou seja, um em frente à prefeitura e outro na Praça de residência da elite. Porém, tal medida foi paliativa, na gestão do prefeito Arlindo Mendes Rodrigues entre 1933 a 1936, o problema do abastecimento de água na cidade ainda não estava solucionado.

A nascente do Poço Escuro abasteceu de água potável a cidade de Vitória da Conquista da sua origem até o início da década de 1970. Segundo uma matéria publicada no Jornal Hoje do dia 09 de Novembro de 2000, numa edição especial do aniversário de 160 anos da cidade, documenta que,

[...] A solução do problema só começou a surgir no ano de 1965, no Governo Municipal de Orlando Leite. Através da resolução nº 72/65 autorizou o prefeito "firmar convênio com o Departamento de Engenharia Sanitária do Estado da Bahia - DESEB, para executar a exploração do serviço de água e esgoto sanitário do município de Vitória da Conquista."<sup>94</sup>

Acompanhando os jornais que compreende ao recorte temporal desse estudo, percebemos que a preocupação com abastecimento de água, instalação da iluminação pública, limpeza urbana, retirada de animais das ruas, construção de um matadouro e de um mercado público para a feira foram solicitações

---

<sup>94</sup> Jornal *Hoje* de 09 de novembro de 2000. Ano 10, nº 109. Acervo pessoal do Sr. Mário Brito.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

recorrentes em todos os jornais da época. Dentre as solicitações dos equipamentos que viriam a atender aos princípios de civilidade e progresso, às condições de assepsia e controle dos corpos, estavam justapostas aos elementos materiais de atendimento as necessidades vitais.

Em momentos diversos da nossa investigação constituída por memórias trazidas da oralidade, imagens e leituras dos jornais, observamos que as relações com os equipamentos construídos na cidade revelavam sentidos simbólicos de apropriação da Caixa d'água. Para além de servir para abastecer a cidade com o seu 'líquido puríssimo', também possibilitava momentos de encontro de sociabilidades de alguns grupos que transitavam por esse espaço. As memórias elaboradas sobre a Caixa d'água retroagem aos tempos da Vila Imperial, quando este equipamento público é lembrado como uma 'época de ouro' porque gozava de cuidado e zelo da intendência, "O tempo, entretanto, consumidor inveterado de tudo e de todos, levou nas suas ondas o período de utilidade e benefício público da fonte".

Encontramos uma matéria da coluna 'Factos e Notícias' do Jornal "Avante", que revela o descaso do poder municipal em relação ao espaço da Caixa d'água em sua importância sobre diversos aspectos para a cidade em 1931, cuja simplicidade do título reforça a importância do evento dado pelo jornal,

"A CAIXA D'AGUA":

[...] Construída ha annos na administração do Snr. Coronel José Maximiliano Fernandes de Oliveira, a caixa d'água veio naquella ocasião beneficiar ao povo, que ressentia-se de uma fonte pública.

[...]

O abandono das administrações condemnou este próprio do município a quase desaparecer. E a caixa d'água foi se estragando, a ponto do povo quase interno da cidade, preferir as águas das cisternas ás águas de Nossa Senhora da Vitória, da fonte publica, isto devido a immundicie que se notava mormente no córrego que, do poço escuro conduz a água para ás torneiras da caixa.

E assim continua.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

E porque não surge uma providência energica de quem de direito?  
E porque consentir na continuação de um mal tão grande para o povo e para a cidade?  
Não seria tempo de uma vez por todas acabar com taes abusos?  
Não seria útil também aos olhos dos senhores administradores voltarem-se para o abandono da caixa d'agua? <sup>95</sup>

A existência desse espaço compartilhado pelo uso da água compreendia uma complexidade de elementos provenientes dos interesses de diversos grupos sociais. Essa relação intrínseca da transformação da natureza em espaço de cultura promovia deslocamentos de sujeitos, valores e sensibilidades para uma arena constituída por relações de força equacionadas entre os sujeitos que necessitavam da água puríssima para o seu ganho e 'o povo quase interno da cidade' que já preferiam a água de salobro das cisternas cavadas nos quintais. Por entre este espaço vital, segundo o discurso do jornal, são destruídos os ícones sacros da 'água de Nossa Senhora da Vitória'; são destituídos os momentos idílicos dos passeios e da visitação, e por fim o lamento pela morte de uma poética, que representava o desaparecimento desse espaço na cidade para a divagação. Quer dizer, desse espaço emerge problemas da cidade, tomada pelo descaso e abandono.

Esta elaboração, no entanto, não se aprofunda quanto ao problema da utilidade da água e deixa de dizer que este local é também e, principalmente, o lugar primordial para as atividades dos trabalhadores de ganho da cidade, e que por meio desses serviços eram abastecidas as casas e estabelecimentos, e que, pelas mãos das lavadeiras as classes abastadas, recebiam roupas limpas, promovendo o conforto das elites proprietárias.

Desta forma cabe interrogar, por que o único local de água potável que abastecia a cidade, foi abandonado pela administração do município? A maioria dos jornais delatava invariavelmente o mesmo problema, que constava do

---

<sup>95</sup> A CAIXA D'ÁGUA: Jornal *Avante* de 6 de junho de 1931, Anno I, nº 12.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

abandono da Caixa d'água e dos abusos da população pobre que habitavam o local e ali depositavam os seus dejetos.

No percurso da nossa investigação, retornamos ao ano de 1922 onde encontramos na Ata da Sessão Ordinária do Conselho Municipal do dia 26 de maio deste, um expediente que tratava de uma solicitação do Conselheiro Agrippino Borges, que trazia à baila o problema com as condições insalubres da cidade, especificando os problemas com a nascente do Poço Escuro:

Em tempo, o Conselheiro Doutor Agrippino Borges lembrou aos seus companheiros de comarca a necessidade de se officiar ao Intendente municipal a fim de que este dê cumprimento a lei nº 132 de 22 de novembro de 1913, com falta da qual a população deste município sobretudo a desta cidade, se acha exposta a toda sorte de moléstias provenientes de rezes abatidas para seu consumo, haja vista uma rez abatida no lugar, podre atacada de carbúnculo, cuja carne foi vendida nesta cidade, morrendo quatro pessoas e dessas tendo ficado doente do mesmo mal; providenciar uma fiscalização do poço escuro, maltas adjacentes, onde nasce o riacho que abastesse esta cidade, as quaes se acha no mais completo abandono; obrigação aos proprietários a reveçar as estradas que passam por seus terrenos; mandar apreender a grande quantidade de porcos e cães soltos pelas ruas da cidade, obrigando seus donos as multas impostas pelas posturas ou mandando a lista pública para o resultado das quantias apuradas serem recolhidas aos cofres como lei. Providenciar sobre o asseio da cidade que está verdadeiramente porca. Submetida a apreciação do concelho esta sua reclamação foi unanimemente aprovada e deliberado que se oficiasse ao senhor Intendente semelhando uma cópia da presente reclamação.<sup>96</sup> (sic) (grifo meu).

Este documento do ano de 1922 revela-nos que, o olhar sobre o espaço construído pelo discurso jornalístico em 1932, encobre por uma década um problema que já vinha sendo fermentado por uma tradição de descompromisso do

---

<sup>96</sup> Livro de Atas do Conselho Municipal da Cidade de Conquista. Código ?, Arquivo Municipal de Vitória da Conquista. Ata da Sessão Ordinária do Conselho Municipal do dia 26 de maio de 1922



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

poder municipal, para com esse espaço da cidade. Da mesma forma, deixa ver a imagem construída pelas atitudes dos conselheiros, que ao reclamarem as melhorias dentro do conselho, convocam um compromisso ao Intendente, o que não foi atendido politicamente, ficando este espaço refém dos jogos de interesses dos mandatários locais, que não possuíam condições políticas de financiar a privatização da água e continuavam a conviver com as condições impostas pelo mercado de água dos caroteiros e aguadeiras, conforme os documentos dos anos de 1930, que frequentemente noticiavam sobre as condições do local.

Estabelecer a relação com o abastecimento de água, transportados nos serviços de ganho das aguadeiras, lavadeiras e caroteiros é interessante, por que criava superposições que deixavam ver as diferenças e os embates, entre aqueles que buscavam e necessitavam desses serviços e por outro lado, àqueles que estavam alijados desse projeto de desenvolvimento e se apresentavam em uma relação tensa e conflituosa com o espaço, no qual às suas práticas eram delatadas e criticadas nos jornais, quando afirmavam que essas práticas interferiam e comprometiam a salubridade e o embelezamento dos espaços da cidade.

### **A Emergência dos Sujeitos: Aguadeiras, Lavadeiras e Caroteiros – Homens e Mulheres a Serviço do Bem Comum**

As práticas dos grupos ligados aos serviços de ganho eram também reconhecidas na suas relações com o espaço da cidade onde se localizava uma das nascentes do Rio Verruga – conhecido como Poço Escuro.<sup>97</sup> Esse espaço era construído por relações estreitas com a vida cotidiana dos moradores da Rua Grande e os sujeitos envolvidos veiculavam nas suas práticas, os embates, lutas e

---

<sup>97</sup> O crescimento urbano, nas primeiras décadas do século XX, acompanhou o leito do córrego do Rio Verruga no sentido norte/sul, cuja nascente localiza-se na Serra do Periperi, no atual Poço Escuro, que atualmente compõe uma Reserva Municipal. Esse córrego passava pelos quintais das casas que circundavam o leito do Rio.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

tensões vivenciados num processo contínuo de produção desse espaço urbano, que influenciava significativamente a vida da comunidade.

A leitura atenta dos jornais produzidos na cidade de Conquista entre as décadas de 1920 e 1940 possibilitou visualizar em matérias que tratavam sobre os problemas urbanos, a presença de pobres na cidade, deixou ver nas ausências de notícias sobre os problemas relacionados às suas condições sociais e, fundamentalmente, as relações de trabalho escondidas também nos silêncios dos documentos escritos, orais e imagéticos.

Identificamos algumas trajetórias, valores, costumes, sensibilidades de homens e mulheres que prestavam serviços de ganho, subtraindo das entrelinhas diretamente dos documentos encontrados, os embates de grupos que disputavam um espaço político para o legislativo e executivo e utilizavam os problemas vinculados aos espaços urbanos para denunciar algum deslize da gestão municipal. Dentre os periódicos selecionados que tratavam diretamente da problemática de nosso estudo encontramos na leitura do jornal “Avante” notícias relacionadas às lavadeiras e aguadeiras, profissões que engendraram uma concepção peculiar do espaço urbano de Conquista, cujas experiências cotidianas estavam relacionadas a tensões, embates e lutas pela sobrevivência.

Uma Lavadeira com Febre! A Água Lodosa do Açude está Adoecendo as Infelizes Perseguidas. Este título foi dado a matéria escrita pelo jornalista Bruno Bacelar que compôs a primeira página do Jornal Avante em 7 de fevereiro de 1932. Este período foi marcado pelo forte acirramento dos confrontos políticos entre esse jornalista e o Coronel Deraldo Mendes Ferraz, este último foi indicado pelo Interventor Juraci Magalhães para ocupar a prefeitura da cidade de Conquista. Esse jornalista, militante político, integrante do Partido Liberal Conquistense, criado para apoiar a campanha da Aliança Liberal e simultaneamente organizar-se para os embates políticos locais, criou uma dissidência com o grupo do Coronel Deraldo



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Mendes após os caminhos tomados pelo Golpe de 1930, com as permanências do controle oligárquico marcado por um forte clientelismo, agora amparado pela interventoria de Juracy Magalhães. Em 1932, Bacelar foi acusado de participar de um grupo que apoiava a revolução constitucionalista e foi levado à Salvador onde ficou detido e depois retornou à cidade, onde continuou a produzir matérias para o Jornal Avante, mantendo uma postura de enfrentamento que, como registramos anteriormente, culminou, em 1933, com o incêndio que interrompeu a circulação do referido jornal.

Apesar de longa, apresentamos a matéria na íntegra por entender que qualquer corte no texto possa vir a comprometer a força da matéria escrita e divulgada em um jornal de circulação na cidade e que, finalmente trás esses sujeitos silenciados pela história, dando-lhes nome, mostrando as suas estratégias na superação dos seus problemas, nos seus enfrentamentos insurgindo um movimento do grupo para interferir nas questões urbanas; acrescenta-se ainda que, o caminho da Caixa d'água até o açude atravessa todo o percurso da Rua Grande, espaço construído na análise desse estudo. Diante de tantas evidências propomos a integridade para dimensionar a situação dos trabalhadores do serviço de ganho na cidade de Conquista. Portanto, recomendamos a leitura:

Conquista é uma cidade que em higiene todos sabem, todos vêem. Terra de bom clima e água excelente, dois fatores importantes para a prosperidade local, Conquista no entanto, devido a falta de higiene sofre constantemente ameaças epidêmicas.

O paratifo então, tomou amor a nossa terra e quase é que, daqui não sai.

[...]

Um caso interessante é o do nosso relato de hoje.

Todos sabem da imundície da caixa d'agua, setina dos desclassificados. Sabem todos disto, e sabem todos ainda do desleixo clamoroso da Prefeitura com aquele próprio municipal. Tudo alli vive em decadência, em legitimo abandono, tudo, tudo!

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

As nossas constantes locais tangeram a Prefeitura proibir as lavadeiras de lavarem roupas nas torneiras da fonte pública. Estas, sem recursos, recorreram a um meio mais rústico e mais prático, com risco da própria saúde e da vida. Na parte baixa da fonte existe um lamaçal imundo e pôdre, fonte legítima do paratifo. Pois bem: depois de um dia de penosos sacrifícios e muitos trabalhos, as lavadeiras conseguiram fazer uma represa insuficiente de água barrenta e imprestável. Allí estavam num esforço titânico uma obra inútil e perigosa para a saúde: - uma represa de água suja e barrenta. Convencidas da insuficiência e perigo da barragem improvisada, (O MONUMENTO MAIOR DO RIDÍCULO DA PREFEITURA), as lavadeiras tomaram a deliberação de fazerem um calçamento na parte do lamaçal e assim desfeita a tapagem a água imunda se esgotaria e allí naquele palco paratífico, uma calçada de pedras largas e bem feitas substituiria a podridão que ainda allí se ver.

Podia então, as pobres lavadeiras fazer o seu trabalho mais higienicamente sobre as calçadas referidas, por onde a água correria límpida e clara.

A idéa pois, não era de todo má, para as pobres infelizes mourejadoras, desde quando a prefeitura nada fazia e cruzava os braços... Sem recursos e dispostas, as lavadeiras levantaram uma subscrição popular para o referido fim.

Descobrimos o fato e o eco do AVANTE! Foi vibrante em auxílio das pobres e incansáveis mulheres...

A prefeitura, sem dúvida envergonhada e ridicularizada com o caso, numa vingança minúscula com as pobres lavadeiras, proibiu terminantemente os serviços de lavagem de roupas na caixa d'água, proibindo também, o calçamento sanitário que as pobres mulheres tencionavam fazer a custo do povo, no charco pôdre que allí se vê, ainda agora.

A proibição e vingança do Prefeito tem trazido ás pobres lavadeiras mil sacrifícios. Muitas, a maioria, pobresinhas, buscam água em pequenos pòtes para lavarem roupa em casa; outras coitadas, rumam para o grande açude imundo, com grandes trouxas e dentre estas uma pobre Clemência de tal com seu filhinho, ambos doentes, agora de febre, vítimas infelizes da água perigosa do referido açude cheio de lôdo e plantas aquáticas pôdres. Morre esta pobre mulher ou esta criança inocente, qual o único responsável?

O Prefeito, sò o prefeito, unicamente o prefeito, que vingativo e colerico tange para um açude de água inutil para o povo as pobres mãis de família lavadeiras de roupas.

Pobres mulheres, pobres creaturas!



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

A prefeitura além de nada fazer condena agora ao sacrifício e à morte as pobres mãis de família.

Onde está o povo conquistense? Onde está nossa gente que não protesta, um ato assim desnaturado e cruel?

O povo confia, bem sabemos, no AVANTE! E AVANTE! Por isso mesmo lança às faces dos responsáveis o seu protesto ativo de representante do povo.

Não, as pobres lavadeiras precisam de trabalhar e queira ou não queira, a prefeitura tem o dever de mandar calçar a parte baixa da fonte, o local imundo e podre, fonte legítima de miasmas perigosos.

Tem o dever a prefeitura de higienizar o referido local que o esforço das lavadeiras e a caridade do povo conquistense queria melhorar de sorte e de estado.

Em maior ridículo não cairia a prefeitura não fazendo e não consentindo que se fizesse um serviço de urgente e extrema necessidade.

O calçamento do lamaçal pôdre, a que nos referimos, se faz mister como um dever de honra da prefeitura. (SIC) <sup>98</sup>

Nesta matéria de primeira página Bacelar tratou de enfrentar o governo do Coronel Deraldo Mendes, ao denunciar as condições de trabalho das lavadeiras do córrego do Rio Verruga. Na contra mão da notícia que trata de tensões entre uma elite letrada que utilizava do jornal para construir seu lugar nas relações de poder, é revelada a existência de conflitos e as agruras que desafiavam as trabalhadoras responsáveis por manter a higiene pessoal, aparência do vestuário, da fatiota e da visibilidade física da elite conquistense, e que acabam por participar da disputa de um espaço urbano constituído de contradições, confrontações, lutas e embates.

O jornalista inicia o seu texto fazendo um elogio à cidade. Esta que é a terra onde a qualidade do clima e da água favorecem à prosperidade. No entanto, a crítica direcionada a administração pública sobre a falta de higiene desse espaço: 'Setina dos desclassificados', 'fonte legítima de miasmas perigosos' corrobora a necessidade de um programa de higienismo sanitário já utilizado nos principais

---

<sup>98</sup> UMA LAVADEIRA COM FEBRE! A ÁGUA LODOSA DO AÇUDE ESTÁ ADOECENDO AS INFELIZES PERSEGUIDAS: Jornal *Avante* de 7 de fevereiro de 1932.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

centros urbanos do país. A cidade de Conquista foi grassada por uma epidemia de tifo que atingiu dezenas de pessoas no ano de 1927, trazendo para esta cidade uma comissão de sanitaristas que adotaram medidas de prevenção contra o tifo. Em Conquista, ainda segundo O Avante, a autoridade municipal esperava que o mal se instalasse, através das epidemias, para tomar providências sobre o seu controle. A prefeitura deveria, assim, passar a adotar os métodos sanitaristas para debelar o paratifo que ‘tomou amor a nossa terra’, no entanto debita procedimentos excludentes ao retirar as lavadeiras da fonte pública atendendo ‘as nossas constantes locais’, proibindo as lavadeiras de trabalharem neste local.

Segundo Paulo Henrique Duque Santos, em seu estudo sobre as dimensões da vida urbana para a cidade de Caetité na Bahia entre 1940 a 1960, considera que,

a preocupação com o controle sanitário, justificado por um discurso que dizia proteger o “bem comum” (a coletividade), articulava-se essencialmente a uma estratégia de manutenção da ordem. Para as elites dominantes, o modo de vida dos segmentos pobres representava uma ameaça constante aos ideais de sanitarismo exigidos a uma sociedade que se pretendia civilizada. Um surto epidêmico de proporções incontroláveis pelo serviço de saúde pública podia tornar-se mais um ingrediente de acentuação das práticas que fugiam às prescrições de salubridade regidas pelos valores modernos, de desestabilização da ordem urbana (SANTOS, 2001, pp. 90-91).

Esta relação entre o controle sanitário e a manutenção da ordem na cidade de Conquista insurgia neste espaço da fonte pública, no qual transitava sujeitos que intensificavam através das suas práticas, as prescrições de salubridade regidas pelos valores modernos, de desestabilização da ordem urbana (SANTOS, 2001, p. 91).

Proibindo as lavadeiras de utilizar a fonte pública – sem lhes oferecer alternativas de trabalho –, a administração municipal tangeu esse grupo de



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

trabalhadoras para o açude na Rua da Várzea, local de acúmulo de água empossada pela precipitação de chuvas periódicas e o açude se transformava em um canteiro de lama e lodo. A mensuração do espaço nas políticas públicas de urbanização impunha deslocamentos da população pobre para áreas de várzea, lugares destituídos dos equipamentos urbanos essenciais para a manutenção do trabalho.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

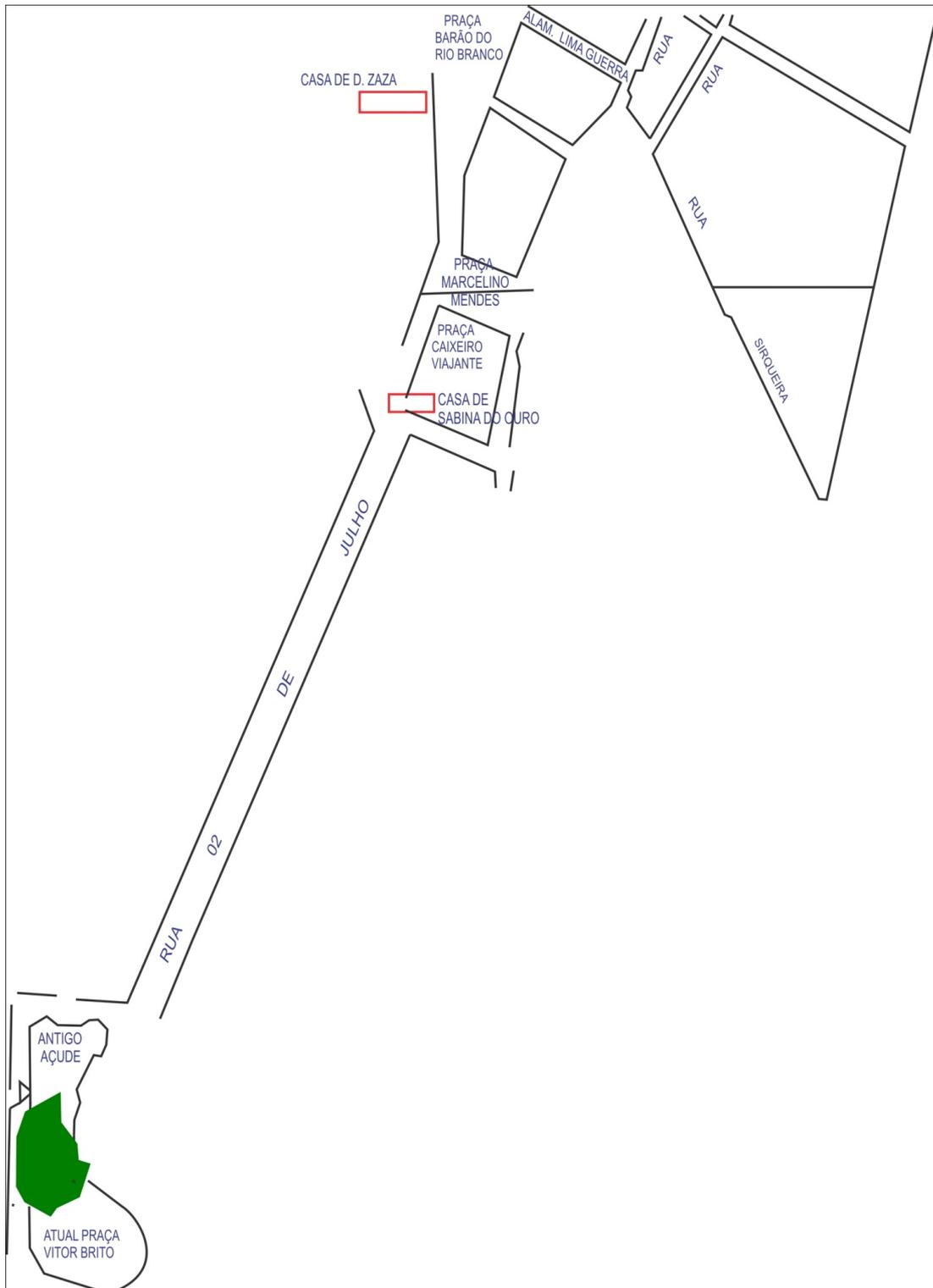


Figura 17 - Mapa da Praça Barão do Rio Branco e do antigo açude. Acervo CPD/PMVC



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Esse deslocamento provocado pela interdição elimina ainda as atividades costumeiras dessas mulheres pobres, que residiam nas proximidades da Caixa d'água que lhes possibilitavam usufruir outros benefícios concernentes aos fatores de sociabilidades, ajuda mútua e subsistência. Dentre os problemas advindos do deslocamento das lavanderias executarem suas tarefas, talvez o mais agudo fosse a distância percorrida com trouxas de roupa, a necessidade de transportar água em grande quantidade, conduzindo vasilhas, quase sempre, nas cabeças. No início das matérias em 1931, na quais chamava atenção da população e das autoridades sobre as péssimas condições de trabalho das lavadeiras que receberam um tom de verdadeira campanha, Bacelar denuncia que,

A água do açude é verdadeiramente imprestável, lodosa, toldada por animais que ali fazem bebedouro, além de distante da cidade, meia légua, para os moradores da parte alta. A distância seria o menos, se a podriqueira e imundície da água não obstassem o serviço. E sofrem as coitadinhas!... Uma na Rua dos FONSECAS, conduziu à Caixa d'água, 30 latas d'água para lavar roupa em casa, apurando sabem quanto? Dois mil e quinhentos reis.<sup>99</sup>

No “palco paratífico” da rua da Várzea as lavadeiras buscaram uma resolução para os problemas enfrentados na subtração do espaço da Caixa d'água. No relato do jornal “Avante” de 1932, vimos um movimento de enfrentamento político desse grupo de mulheres, que alijadas do seu local de trabalho organizaram um documento de “subscrição popular” para a construção de uma calçada de pedras para impedir o acúmulo de dejetos e lama, que, segundo o jornal, levou ao acirramento das determinações do poder municipal que proibia terminantemente os serviços de lavagem de roupas na Caixa d'água, impedindo também o calçamento sanitário que as mulheres tencionavam fazer.

---

<sup>99</sup> Jornal *Avante* de 20 de dezembro de 1931.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

O Jornal “Avante”, com a contribuição de Bacelar deflagrou uma campanha aberta contra o executivo municipal, na composição de um clamoroso embate denunciando a situação dos trabalhadores dos serviços de ganho frente à postura de um poder público incapaz e refratário às transformações em prol do bem comum. Considerando aqui, o sentido de bem comum referente a um grupo específico, que era atendido em suas necessidades, por esses trabalhadores.

Continuando a campanha, um mês depois da denúncia feita na matéria sobre “uma lavadeira com febre”, em outra matéria tornava a fazer novos protestos sobre os ‘descasos’ cometidos no “Poço Escuro” que abastecia a população de água doce, desta vez envolvendo também as aguadeiras:

E agora? Vai-se na caixa d’água, penetra-se mais alem um pouco, no Poço Escuro, e o que se vê é lastimável.  
Fezes humanas de um lado e de outro do pequeno rêgo de tijolos, agora sem duvida lavadas pelas chuvas torrenciais da semana e trazidas para ás torneiras da caixa d’água e bebidas (que miséria!) pela população!  
É inacreditável tanto descaso publico, tanta imundície!  
Vimos o que registramos e conosco todos que ali foram antes das ultimas chuvas.  
Aliás o ser esse local uma setina pública dos desclassificados é cousa já sabida. Muito e inumerosas aguadeiras têm verificado nos seus vasilhames a existência de fezes humanas e de animais, e mais outras incontáveis imundícies. (SIC) <sup>100</sup>

No confronto percebido nas duas matérias, vimos que os usos da água eram bastante variados. Lavadeiras, aguadeiras e os caroteiros comungavam do mesmo espaço pelo uso da água. Dentre essas atividades a que se tornou intolerante às vistas do poder público foi a lavagem de roupa, talvez por concentrar características próprias de enfrentamento, já que as lavadeiras utilizavam o espaço

---

<sup>100</sup> Jornal *Avante* de 27 de março de 1932.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

de forma diferenciada: Elas passavam mais tempo no local, entre a lavagem, coarar e as vezes secar as roupas; geralmente levavam os filhos – Como ‘Clemência de tal com seu filhinho, ambos doentes, agora de febre, vítimas infelizes da água perigosa do referido açude’; essas mulheres também faziam as refeições no local e conseqüentemente utilização o espaço também como sanitário para atender as suas necessidades fisiológicas.

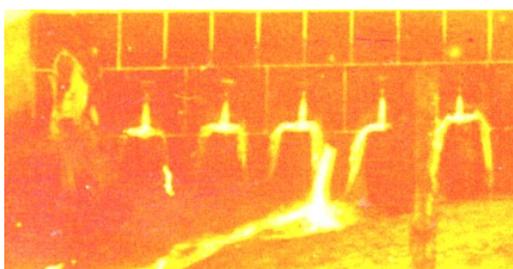
As interferências das lavadeiras potencializavam os problemas ocorridos no espaço da Caixa d’água, mais do que o uso do local feito pelas aguadeiras e caroteiros, que chegavam carregavam seus vasilhames e desciam para o abastecimento das casas, determinando talvez um enfrentamento também, no interior desses grupos. Já que ‘muito e inumerosas aguadeiras têm verificado nos seus vasilhames a existência de fezes humanas e de animais, e mais outras incontáveis imundícies’, essa categoria de trabalhadoras foram ouvidas pelo jornalista que não tratou de publicar um conflito interno entre elas, quando a sua campanha era contra a prefeitura.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011



Figura 18 - Fonte Pública Municipal Água de Nossa Senhora, anos 30 (acervo



MRVC)



Detalhe da Figura 18 - Carote

Detalhe da Figura 18- Caroteiro em serviço e mula

Como lugar de uso coletivo, o espaço da fonte pública, fazia emergir esses sujeitos que, através da sua força de trabalho atendia a uma necessidade básica e intransferível, que é o saneamento e a distribuição da água para a população, como também os serviços das lavadeiras de roupas. No entanto, segundo o jornal, até as



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

‘lavadeiras que, gratuitamente se encarregavam do asseio das águas da fonte, foram expulsas como serviço higiênico’. Aqui cabe considerar que a intenção do jornalista privilegia as lavadeiras – utilizadas na sua campanha contra a administração municipal e não interessava, no momento, fazer eclodir um conflito entre esses grupos de trabalhadores: ‘ não nos cansamos de protestar o ato desnaturado do prefeito, proibindo as lavadeiras do ganha-pão.<sup>101</sup> Ainda se tratando do serviço de água e especificamente do abastecimento das casas, as aguadeiras e caroteiros, talvez angariasse uma atenção diferenciada, por parte da prefeitura, devido a condição de preservar a limpeza da água para o consumo da população.

No entanto, esses trabalhadores apareciam mediante a necessidade dos seus serviços para atender a população privilegiada na aquisição da água e, desta forma, eram considerados em seus papéis sociais, conforme os desígnios dos mandatários, que assim ofereciam atenção legal, nos seus trajetos:

Pelo Conselheiro Alziro Prates, foi requerido ao Senhor Intendente informações a respeito de um muro que se construiu no caminho da Caixa d’água, junto ao quintal ou melhor Chacara da Senhora Dona Vicência de Tal, **muro este que está prejudicando aos transeuntes e aguadeiros**; requerimento que foi unanimemente aprovado.<sup>102</sup> (grifo meu)

Ao refletir sobre as condições determinantes para a confecção do espaço, Milton Santos, considera que,

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, formas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de

---

<sup>101</sup> Jornal *Avante* de 27 de março de 1932

<sup>102</sup> Livro de Atas do Conselho Municipal. (1926). Ata da Sessão ordinária do Conselho Municipal, do dia 16 de fevereiro de 1926. Código: 12.2.22. Arquivo Municipal de Vitória da Conquista.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através de ações comunicativa, pelas mais diversas manifestações de espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 1996).

Sendo assim, é importante destacar que a fonte pública, como um espaço construído por serviços e sociabilidades comporta uma diversidade de territórios. Ao estabelecer funções diferenciadas para o mesmo espaço, cada um desses grupos de trabalhadores vivenciavam e atuavam singularmente nesse espaço. A proximidade entre as estratégias de superação levou esses sujeitos a compor nesse mesmo espaço compartilhado de enfrentamentos e lutas a garantia da sua sobrevivência.

Quando as lavadeiras, apresentadas no jornal “Avante”, através do texto e da postura política de Bacelar, elas não se contentaram em esperar a solução do poder público, tomaram uma atitude, construíram uma represa e um calçamento que serviam para retirar ‘a podridão’ e as substituíam por uma “calçada de pedras largas e bem feitas”, e, desta forma, acabaram interferindo no espaço urbano. Esse grupo de trabalhadoras - lavadeiras de roupa da cidade de Conquista construíam, dessa forma, os seus próprios espaços e deles se apropriavam de forma inteiramente diversa, indo na direção contrária do poder público. São práticas urbanas, que se desenvolviam à revelia dos mecanismos de controle de compartimentar a urbe, que marcaram tantas reentrâncias nos lugares da cidade, ao tempo que também construíam e transformavam, revelando, portanto, a materialidade de diversos usos do espaço urbano e uma relatividade impressa na ordenação pretendida pelas elites locais.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### CONCLUSÕES

Ao buscar perceber e reconstituir as memórias dos sujeitos que habitaram o espaço da Rua Grande na cidade de Vitória da Conquista entre as décadas de 1920 e 1940, na perspectiva de encontrar a presença das práticas de todos os segmentos que circularam neste espaço, pensei em construir as dimensões dessas experiências e ações pelas quais esses sujeitos imprimiram suas marcas na trajetória das transformações deste núcleo de ocupação urbana.

Na tentativa de incorporar mudanças no espaço urbano, as elites dominantes da cidade de Conquista imbuídas de valores predominantemente universais excluem do projeto de modernidade as particularidades e subjetividades das experiências sociais. Buscando construir um espaço ordenado, de formas harmônicas para homogeneizar e controlar as condutas sociais consideradas inadequadas a expectativa de construir um projeto de cidade racional, elaborada por uma legislação que estabelecia normas autoritárias e excludentes. Porém, para além dessa legislação vigente vimos que os usos dos solos urbanos foram apropriados por sujeitos que improvisaram suas práticas cotidianas e de trabalho, deixando aparecer conflitos e embates, imprimindo as marcas da sua trajetória em múltiplas territorialidades.

Como esses sujeitos encontravam-se invisibilizados pela documentação, debitamos nossas indagações nas construções narrativas direcionando o olhar sobre as imagens fotográficas reveladas no período e os desdobramentos das narrativas orais dos moradores que ainda habitam e vivem nesse espaço na cidade. Para tanto, fez-se necessário buscar no Museu Regional da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, da Cidade de Vitória da Conquista, a atualização dessas memórias, tendo em vista discutir as “exclusões” impressas nas atribuições dos valores simbólicos e materiais sobre o acervo e nos recortes inscritos no



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

delineamento das escolhas dos sujeitos que estão representados neste lugar para a cidade, procuramos investigar a constituição das políticas culturais do Museu através dos seus projetos elaborados pelas diversas diretorias que circularam, neste espaço, que consideramos nessa pesquisa como 'lugar de memória'.

Procuramos neste estudo investigar campos de força marcados por interesses, valores e normas de diferentes grupos que atuam e disputam de várias formas o mesmo espaço, fazendo emergir os confrontos de segmentos sociais, com suas vivências e práticas que imprimiram com suas intervenções marcas indelévels sobre esse espaço da Rua Grande. Neste sentido, refletimos sobre as memórias produzidas na instituição do Museu Regional e indagamos sobre os enquadramentos que elaboram para conformá-las na contemporaneidade, percebendo uma contraposição que iluminando com lembranças alguns grupos de maior visibilidade, tratou de jogar no esquecimento e na escuridão do silêncio outros segmentos importantes que independente da avaliação se mantiveram presentes com suas atuações neste espaço da cidade.

Na produção dessa história sobre "memórias e fotografias nas transformações urbanas de Conquista entre 1920 e 1940 buscamos refletir sobre os conflitos, embates e lutas dos sujeitos que estavam excluídos das "fugas" de uma memória seletiva e lacunar que foi percebida em cuidadosas leituras "a contrapelo" sobre as linguagens visuais, orais e textuais. Considerando com Raymond Williams que "a linguagem é constitutiva do sujeito" ao contextualizar memórias orais e escritas, narrativas de jornalistas, poetas, fotógrafos, prestando atenção nos procedimentos e método para construção da operacionalização da prática histórica, percebemos a emergência desses sujeitos que mantiveram com trabalho e sociabilidades, as singularidades de uma cultura de pouca visibilidade à construção do espaço.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Ao procurar compreender como os espaços da cidade foram construídos a partir das experiências dos sujeitos em suas diversas temporalidades e múltiplas sociabilidades, esperamos ter contribuído para ampliar o debate sobre aspectos das relações e tensões culturais construídas na história de Vitória da Conquista, como uma proposta de ampliação do conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o seu mundo.

### REFERÊNCIAS

- BENJAMIM, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço – Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. Editora Hucitec, São Paulo, 1996.
- SANTOS, Paulo Henrique Duque. **Cidade e Memória: dimensões da vida urbana – Caetité – 1940-1960**. Rio de Janeiro, UNIRIO, 2001. Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Documento.
- SOUSA, Maria Aparecida Silva de. **A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia**. Vitória da Conquista: UESB, 2001.